

O LIVRO QUE INSPIROU O FILME

SUSANNA  
KAYSEN

GAROTA,  
INTERROMPIDA

*Fiquei obcecada com a honestidade brutal  
das personagens deste livro.*

ANGELINA JOLIE



## **Em busca de uma topografia do universo paralelo**

As pessoas me perguntam: como você foi parar lá? O que querem saber, na verdade, é se existe alguma possibilidade de também acabarem lá. Não sei responder à verdadeira pergunta. Só posso dizer: é fácil.

E é mesmo fácil escorregar para dentro de um universo paralelo. São tantos! O mundo dos insanos, o dos criminosos, o dos aleijados, o dos moribundos – e talvez o dos mortos também. Mundos que convivem com este mas não lhe pertencem, embora a ele se assemelhem.

Georgina, minha companheira de quarto, chegou de repente e por inteiro, quando cursava o antepenúltimo ano no Vassar College. Estava no cinema, vendo um filme, quando uma grande onda negra a engoliu. Por alguns minutos, o mundo se obliterou totalmente. Ela compreendeu que tinha enlouquecido. Olhou ao redor, no cinema, para ver se aquilo estava acontecendo com todos, mas as outras pessoas continuavam absortas vendo o filme. Saiu correndo, pois a escuridão do cinema, somada à escuridão que inundava sua cabeça, era demais.

— E depois? – perguntei.

— Muita escuridão – ela respondeu.

Contudo, a maioria das pessoas chega aqui aos poucos, abrindo de furo em furo a membrana que separa o aqui do lá fora, até aparecer uma brecha. E quem resiste a uma brecha?

No universo paralelo, ficam revogadas as leis da Física.

Nem sempre o que sobe desce; um corpo em repouso não tende a permanecer assim e nada garante que a toda ação

corresponderá uma reação igual e contrária. O próprio tempo é outro. Pode correr em círculos, refluir, saltar ao léu de hoje para ontem. Até a disposição das moléculas é fluida. Uma mesa talvez seja um relógio; um rosto pode ser uma flor.

Esses fatos, porém, você só descobre mais tarde. Outro aspecto curioso do universo paralelo é que, embora ele seja invisível pelo lado de cá, depois que entramos fica fácil enxergar o mundo do qual viemos. Às vezes, o mundo do qual viemos nos parece vasto e ameaçador, trêmulo e instável como uma imensa gelatina; outras vezes, é uma miniatura fascinante, girando, reluzente, em sua órbita. De uma maneira ou de outra, não há como descartá-lo.

De todas as janelas de Alcatraz dá para ver São Francisco.

### **O táxi**

— Você está com uma espinha – disse o médico. Eu vinha torcendo para ninguém perceber. — Você a espremeu – ele prosseguiu.

Naquela manhã, quando acordei (e tinha acordado cedo para não perder a consulta), a espinha atingira um estágio de expectante maturidade, pedindo para ser espremida. Era seu anseio de liberdade. Libertá-la de sua pequena cápsula branca, espremendo até jorrar sangue, provocou em mim um sentimento de realização. Eu havia feito tudo o que podia ser feito por aquela espinha.

— Você andou se espremendo – disse o médico. Concordei com a cabeça. Uma vez que ele ia insistir naquilo até que eu concordasse, então concordei.

— Você tem namorado? – ele perguntou.

Concordei com a cabeça de novo.

— Problemas com ele? – Não era uma pergunta, na verdade, pois ele mesmo já balançava a cabeça afirmativamente. — Você andou se espremendo – repetiu. De repente, saiu de trás da mesa e avançou em minha direção. Era um homem gordo e tenso, moreno, de barriga compacta.

— Você precisa descansar – proclamou.

De fato, eu precisava descansar, sobretudo por ter levantado tão cedo para ir ao médico, que ficava em um subúrbio elegante. Tive de mudar de trem duas vezes e depois teria de voltar pelo mesmo caminho para chegar ao trabalho. Só de pensar nisso eu já me sentia cansada.

— Não concorda comigo? – Ele continuava ali de pé, na minha frente. — Não acha que precisa descansar?

— Acho – respondi.

Ele foi até a sala contígua. Pude ouvir que falava ao telefone.

Volta e meia penso naqueles minutos seguintes – meus últimos dez minutos. Por um instante, senti vontade de me levantar e sair porta afora, caminhar os vários quarteirões até a estação para esperar o trem que me levaria de volta ao meu namorado complicado, ao meu emprego na loja de utensílios para cozinha, mas estava cansada demais.

Ele voltou à sala, diligente, despachado e muito cheio de si.

— Consegui um leito para você – disse. — Você vai descansar. Só algumas semanas, certo?

Seu tom de voz era conciliador e suplicante – o que me deixou assustada.

— Na sexta-feira eu vou – respondi.

Estávamos na terça; talvez até sexta eu não quisesse mais ir. Ele avultou à minha frente, com sua barriga.

— Não. Você vai agora.

Aquilo me pareceu um pouco insensato.

— Tenho um compromisso para o almoço – argumentei.

— Esqueça – ele disse. — Você não vai a esse almoço. Vai para o hospital.

Seu ar era de vitória.

Aquele subúrbio, antes das oito da manhã, era muito tranquilo. E nenhum de nós tinha algo mais a dizer. Ouvi o barulho do táxi estacionando na entrada de carros do consultório do médico.

Ele me pegou pelo cotovelo, que apertou entre os dedos grandes e grossos, e me conduziu para fora. Sem largar do meu braço, abriu a porta traseira do táxi e me empurrou para dentro. Sua enorme cabeça pairou um instante ao meu lado, no banco traseiro. Então ele bateu a porta.

O motorista abaixou o vidro até a metade.

— Para onde?

Sem paletó na manhã fria e com as pernas grossas bem plantadas na entrada de carros, o médico ergueu o braço e apontou para mim.

— Leve-a para o McLean – disse. — E não permita que ela desça no meio do caminho.

Deixei a cabeça cair sobre o encosto e fechei os olhos. Sentia alívio por estar em um táxi e não ter de esperar o trem.

## **Etiologia**

Esta pessoa (escolher uma opção):

1. Está fazendo uma viagem perigosa, com a qual poderemos aprender muito, se ela voltar.
2. Está possuída (escolher uma opção):
  - (a) pelos deuses.
  - (b) por Deus (isto é, por um profeta).
  - (c) por espíritos malignos, demônios ou diabos.
  - (d) pelo diabo.
3. É uma bruxa.
4. Está enfeitiçada (variante do item 2).
5. É má e precisa ser isolada e punida.
6. Está doente e precisa ser isolada e tratada por meio (escolher uma opção):
  - (a) de purgantes e sanguessugas.
  - (b) da remoção do útero, caso possua um.
  - (c) de choques elétricos no cérebro.
  - (d) de lençóis molhados com água fria, amarrados com firmeza em volta do corpo.
  - (e) de Amplictil ou Stelazine.
7. Está doente e precisa passar os próximos sete anos falando sobre isso.
8. É uma vítima da intolerância social decorrente de comportamentos que se afastam da norma.
9. Está sã em um mundo insano.
10. Está empreendendo uma perigosa viagem da qual talvez jamais volte.

## **Fogo**

Uma de nós ateou fogo em si mesma, com gasolina. Na época, ela não tinha idade suficiente para dirigir. Minha dúvida era de que maneira ela teria conseguido a gasolina. Teria caminhado até o posto de gasolina do bairro e dito que o carro do pai tinha ficado sem combustível? Eu não conseguia olhar para ela sem pensar nisso.

Creio que a gasolina tinha se acumulado em suas clavículas, formando poças junto aos ombros, pois as cicatrizes piores eram as que exibia no pescoço e nas faces. Formavam cordões grossos, alternadamente cor-de-rosa e brancos, em listras que subiam pelo pescoço. Eram tão duras e largas que ela não conseguia virar a cabeça, tendo de girar todo o tronco para enxergar quem estava ao lado.

As cicatrizes não têm personalidade. Não são como a pele da gente: não mostram a idade ou alguma doença, a palidez ou o bronzeado. Não têm poros, pelos ou rugas. São uma espécie de fronha, que protege e esconde o que houver por baixo. Por isso as criamos. Porque temos algo a esconder.

Chamava-se Polly. Um nome que na certa lhe parecera ridículo nos dias ou meses em que planejava atear fogo nela mesma, mas que se adequava com perfeição à sua vida de sobrevivente sob a fronha. Nunca estava triste. Era gentil e confortava os tristes. Nunca se queixava e sempre tinha tempo para ouvir as queixas dos outros. Não havia defeitos dentro daquele invólucro rosa e branco, justo e impermeável. O que quer que a tivesse motivado, murmurando-lhe "Morra!" ao pé do ouvido outrora perfeito e hoje desfigurado, ela havia imolado.

Por que fizera aquilo? Ninguém sabia. Ninguém se atrevia a perguntar. Afinal, que coragem! Quem teria coragem de se queimar daquele jeito? Vinte aspirinas, um pequeno talho acompanhando as veias do braço, até mesmo – quem sabe? – meia hora de horror no alto de um telhado: todos passamos por algo assim. E por outras coisas um pouco mais perigosas, como enfiar um revólver na boca. Entretanto, ao enfiá-lo na boca e sentir seu gosto frio e oleoso, dedo pousado no gatilho, descobrimos que há um mundo inteiro entre esse momento e o momento tão planejado: o momento de puxar o gatilho. E é esse mundo que nos derrota. Guardamos o revólver de volta na gaveta. Temos de descobrir outra maneira.

Como teria sido para ela aquele momento, o momento de riscar o fósforo? Será que ela já havia experimentado telhados, revólveres e aspirinas? Ou aquilo teria sido só uma inspiração?

Uma vez tive uma inspiração dessas. Acordei pela manhã sabendo que naquele dia tinha de engolir cinquenta aspirinas. Era minha tarefa, minha incumbência para aquele dia. Enfileirei-as sobre a mesa, engoli uma por uma e fui contando. Isso, porém, não é igual ao que ela fez. Eu poderia ter parado na décima, na trigésima. Como poderia ter feito o que de fato fiz, ou seja, ter ido para a rua e desmaiado. Cinquenta aspirinas são um bocado de aspirinas, mas ir para a rua e desmaiar é a mesma coisa que guardar o revólver de volta na gaveta. Ela riscou o fósforo.

Onde? Na garagem de sua casa, para não atear fogo em outras coisas? No meio de um descampado? Na quadra da escola? Em uma piscina vazia?

Alguém a encontrou, mas isso demorou um pouco. Quem beijaria uma pessoa como aquela, uma pessoa sem pele?

A ideia lhe ocorrera antes dos 18 anos. Ela estava conosco fazia um ano. Enquanto as outras esbravejavam e gritavam, contorciam-se e choravam, Polly olhava e sorria. Sentava-se ao lado das que estavam assustadas, e sua presença as acalmava. Seu sorriso não tinha maldade, era cheio de compreensão. A vida era um inferno, ela sabia. Contudo, seu sorriso deixava entrever que ela tinha queimado tudo isso dentro dela. Seu sorriso tinha uma ponta de superioridade: nós não teríamos tido aquela coragem de nos queimar por dentro; e isso ela também compreendia. Cada pessoa é uma pessoa. Cada um faz o que é possível fazer.

Certa manhã, havia alguém chorando, mas as manhãs eram mesmo barulhentas: brigas por causa da hora de acordar, queixas sobre pesadelos. Polly era uma presença tão discreta, tão quieta, que não percebemos sua ausência no café da manhã. Depois do café, continuamos ouvindo o choro.

– Quem está chorando?

Ninguém sabia.

Na hora do almoço, ainda se ouvia o choro.

– É a Polly – disse Lisa, que sabia tudo.

– Por quê?

Mas isso nem Lisa sabia.

À noitinha o choro se transformou em gritos. O entardecer é uma hora perigosa. Primeiro ela gritava “Aaaaah!” e “liliiih!”. Depois, começou a gritar palavras.

— Meu rosto! Meu rosto! Meu rosto!

Dava para ouvir outras vozes tentando silenciá-la, murmurando palavras reconfortantes; mas ela continuou a gritar aquelas duas palavras noite adentro.

— Bem, faz tempo que eu esperava uma coisa assim – disse Lisa.

Depois, acho, todas percebemos quanto havíamos sido tolas. Algum dia poderíamos sair, mas ela estava aprisionada naquele corpo para sempre.

### **Liberdade**

Lisa tinha fugido de novo. Ficamos tristes, pois ela nos dava ânimo. Era engraçada. Lisa! Ainda hoje, não consigo pensar nela sem sorrir.

O pior é que sempre a pegavam e a traziam de volta, toda suja, com o olhar ensandecido de quem enxergou a liberdade. Ela amaldiçoava seus captores, e nem mesmo as veteranas mais irredutíveis conseguiam conter o riso diante dos xingamentos que inventava.

— Boceta de bacalhau!

Ou então, outro dos seus favoritos:

— Seu morcego esquizofrênico!

Geralmente encontravam-na antes do fim do dia. A pé e sem dinheiro, ela não conseguia ir muito longe. Dessa vez, porém, parecia ter dado sorte. No terceiro dia, ouvi alguém na sala das enfermeiras anunciar pelo telefone um aviso de intensificação de busca.

Reconhecer Lisa na certa não seria difícil. Ela raramente comia e nunca dormia, de forma que era magra e amarelada,

como costumam ser as pessoas que não comem, e tinha bolsas enormes sob os olhos. Prendia os cabelos grossos, escuros e opacos com uma fivela prateada. Seus dedos eram os mais longos que já vi.

Daquela vez, quando a trouxeram de volta, estavam quase tão furiosos quanto ela. Dois homens fortes a seguravam pelos braços e um terceiro a segurava pelos cabelos, puxando-os, enquanto Lisa arregalava os olhos. Todo mundo se calou, inclusive ela. Enquanto olhávamos, ela foi levada para o fim do corredor.

Víamos muitas coisas.

Víamos Cynthia voltar em prantos do eletrochoque, uma vez por semana. Víamos Polly tremendo de frio, enrolada em lençóis umedecidos com água gelada. Entretanto, uma das piores coisas que vimos foi Lisa saindo da solitária, dois dias depois.

Em primeiro lugar, suas unhas estavam aparadas até o sabugo. Ela tinha unhas muito bonitas, das quais sempre cuidava – pintava, lixava, dava forma. Alegaram que suas unhas eram “objetos cortantes”.

Além disso, haviam confiscado seu cinto. Lisa sempre usava um cinto barato, de miçangas, desses que os índios das reservas costumam fabricar. Era um cinto verde, com triângulos vermelhos, e pertencera a seu irmão Jonas, o único membro da família que ainda mantinha contato com ela. A mãe e o pai não a visitavam porque ela era uma sociopata – pelo menos, era o que Lisa dizia. Confiscaram o cinto para que não se enforcasse com ele.

Não compreendiam que Lisa jamais se enforcaria.

Lisa saiu da solitária e recebeu o cinto de volta. Suas unhas voltaram a crescer, mas ela não voltou. Ficava sentada, assistindo

à televisão com aquelas consideradas mais irrecuperáveis. Lisa nunca fora muito de assistir à televisão. Para as que assistiam, mostrava desprezo. “É tudo uma bosta!”, berrava, enfiando a cabeça pela porta da sala de TV. “Vocês já parecem robôs. Desse jeito vão piorar.” Às vezes, desligava a TV ou se plantava diante da tela, desafiando alguém a ligá-la de novo. A platéia, porém, era quase toda formada por catatônicas e depressivas que não estavam a fim de se mexer. Passados cinco minutos, ou seja, mais ou menos o tempo que ela conseguia ficar parada, ela saía para fazer outra coisa; e, quando a encarregada da ronda se aproximava, voltava a ligar o aparelho.

Como Lisa não dormia havia dois anos, as enfermeiras desistiram de mandá-la para a cama. Em vez disso, havia uma cadeira só sua no corredor, como a da equipe da noite, onde ficava sentada, fazendo as unhas. Sabia preparar um chocolate maravilhoso e, às três da madrugada, preparava um para a equipe da noite e para quem mais estivesse de pé. À noite ela costumava ficar mais calma.

Certa vez eu lhe perguntei:

— Lisa, como é que à noite você não fica andando de um lado para o outro, nem grita?

— Também preciso descansar – ela respondeu. — Só porque não durmo, não quer dizer que eu não descanse.

Lisa sempre sabia o que lhe fazia falta.

— Preciso tirar férias deste lugar – dizia às vezes, e então fugia. Toda vez que voltava, nós lhe perguntávamos como estava o mundo lá fora.

— É um mundo ruim – dizia. Geralmente, ela ficava bem contente por estar de volta. — Lá fora não tem ninguém para cair da gente.

Agora, não dizia uma palavra. Ficava o tempo todo na sala de televisão. Assistia aos programas religiosos, olhava até as barras coloridas que apareciam na TV antes de o canal entrar no ar, passava horas vendo programas de entrevistas da alta madrugada e noticiários matutinos. No corredor, sua cadeira permanecia desocupada. Ninguém mais ganhava chocolate.

— Vocês estão dando algum remédio para a Lisa? – perguntei à encarregada da ronda.

— Você sabe que não podemos comentar a medicação com as pacientes.

Perguntei à enfermeira-chefe, que eu conhecia do tempo em que ela ainda não estava no cargo, mas ela reagiu como se sempre tivesse sido a enfermeira-chefe.

— Não podemos falar sobre a medicação... e você sabe disso.

— Para que perguntar? – disse Georgina. — Ela está completamente dopada. É óbvio que estão dando algum remédio para ela.

Cynthia achava que não.

— Ela ainda está andando direito – observou.

— Eu não – disse Polly. De fato, não estava. Caminhava com os braços projetados diante dela, as mãos vermelhas e brancas penduradas nos punhos, os pés se arrastando no chão. Os lençóis gelados não funcionavam; ela continuava gritando a noite inteira até lhe darem algo.

— Demora um pouco – eu disse. — Você andava direito quando eles começaram.

— Agora não ando – disse Polly, olhando para as próprias mãos.

Perguntei a Lisa se eles a estavam medicando, mas ela não quis olhar para mim.

E assim transcorreram uns dois meses, com Lisa e as catatônicas na sala de televisão, Polly andando como um cadáver motorizado, Cynthia chorando depois dos eletrochoques (“Não estou triste”, ela me explicou, “mas não consigo prender o choro”), eu e Georgina em nossa suíte dupla. Éramos consideradas as mais saudáveis.

Com a chegada da primavera, Lisa começou a passar um pouco mais de tempo fora da sala de televisão. No banheiro, mais precisamente – o que não deixava de ser uma mudança.

— O que ela fica fazendo no banheiro? – perguntei à encarregada da ronda, uma funcionária nova.

— E eu lá tenho obrigação de ficar abrindo a porta dos banheiros?

Fiz o que com frequência fazíamos com gente nova.

— Qualquer hora dessas alguém se enfoca lá dentro! Onde é que você pensa que está, afinal de contas? Em um colégio interno? Depois, encarei-a bem de perto, quase encostando meu rosto no dela.

Elas não gostavam disso, de contato físico com a gente. Reparei que Lisa entrava cada vez em um banheiro diferente. Havia quatro banheiros, e ela percorria todos diariamente.

Seu aspecto não era nada bom. Seu cinto estava frouxo e ela parecia mais amarela do que o normal.

— Vai ver que ela está com disenteria – comentei com Georgina, mas Georgina achava que ela estava era dopada.

Certa manhã de maio, enquanto tomávamos o café, ouvimos a porta bater. Lisa entrou na cozinha.

— A televisão fica para depois – disse.

Serviu-se de uma xícara grande de café, como costumava fazer antes todas as manhãs, e sentou-se à mesa. Sorriu para nós, que sorrimos para ela.

— Esperem só para ver... – disse.

Ouviu-se um corre-corre de passos e vozes que diziam coisas como “Mas que droga!” ou “Como é que pode?”. Então a enfermeira-chefe entrou na cozinha.

— Foi você quem fez isso! – disse ela olhando para Lisa.

Fomos ver o que era.

Lisa tinha embrulhado todos os móveis – alguns deles ocupados pelas catatônicas –, bem como a TV e o sistema de sprinklers do teto, com papel higiênico – metros e mais metros de papel higiênico esvoaçando, pendurados, embolados e enrolados em tudo e por toda parte. Foi maravilhoso.

— Não estava dopada – falei para Georgina. — Estava era conspirando.

O verão foi agradável. Lisa contou um monte de histórias sobre as coisas que havia feito nos seus três dias de liberdade.



## NÃO SABER O QUE QUER SER NÃO É UMA OPÇÃO.

Quando a realidade torna-se brutal demais para uma garota de 18 anos, ela é hospitalizada. O ano é 1967 e a realidade é brutal para muitas pessoas. Mesmo assim poucas são consideradas loucas e trancadas por se recusarem a seguir padrões e encarar a realidade. Susanna Kaysen era uma delas. Sua lucidez e percepção do mundo à sua volta era algo que seus pais, amigos e professores não entendiam. E sua vida transformou-se ao colocar os pés pela primeira vez no hospital psiquiátrico McLean, onde, nos dois anos seguintes, Susanna precisou encontrar um novo foco, uma nova interpretação de mundo, um contato com ela mesma. Corpo e mente, em processo de busca, trancada com outras garotas de sua idade. Garotas marcadas pela sociedade, excluídas, consideradas insanas, doentes e descartadas logo no início da vida adulta. Polly, Georgina, Daisy e Lisa. Estão todas ali. O que é a sanidade? Garotas interrompidas.

Um relato pessoal, intenso e brutal que nos faz refletir sobre nosso papel na sociedade, *Garota, interrompida* é uma leitura obrigatória, que inspirou o filme homônimo sucesso de bilheteria que concedeu a Angelina Jolie seu papel mais importante e o Oscar de melhor atriz coadjuvante.



Visite-nos:

@EditoraGente



Facebook.com/UNICAeditora



www.editoragente.com.br

